

## **Editorial**

### **Adoecimento mental global e ascensão da extrema direita: a religião como variável influenciadora... ou meandrosa**

Ana Paula Fernandes Rodrigues<sup>1</sup>

A religião é capaz de oferecer recursos para enfrentamento da insegurança, do denominado medo líquido (Bauman, 2008) característicos da sociedade globalizada onde perda de garantias sociais, precarização das condições e acordos de trabalho, destruição veloz do equilíbrio ecológico, guerras por motivos religiosos ou étnicos, violência urbana, poluição, grandes desastres ecológicos e individualismo são a tônica.

Havia uma quase profecia de que o final do século XX testemunharia o desaparecimento da religião nos países onde o progresso econômico e tecnológico avançasse o bastante para garantir acesso equânime às condições mínimas ideais de sobrevivência dos seus cidadãos. Tal não ocorreu. A incerteza e a dificuldade em obter renda suficiente para atender as necessidades básicas e essenciais colocam cada membro da sociedade numa situação de vulnerabilidade, isolamento, insegurança e busca por alternativas de manutenção de vínculos sociais que compensem estas fragilidades. Tribalizações – no sentido dado por Maffesoli ( )- ocorrem em vários níveis, porém a religião é uma das alternativas sociais mais longevas e legitimadas para obter amparo social, rede de apoio, ferramentas cognitivas e emocionais para enfrentar o estresse e a insegurança incessantes.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

A falta de confiança na democracia, a crença de que os representantes políticos e os governos são corruptos e não protegem seus eleitores e os cidadãos que representam deixaram abertos enormes flancos de insatisfação e medo nas sociedades, o que os partidos de extrema direita souberam aproveitar bem. Os partidos políticos tradicionais - tanto de esquerda como de direita - perderam apoio em muitos países, criando um vácuo que a extrema direita tem preenchido com velocidade recorrendo às plataformas de mídia social - onde é comum espalharem desinformação e notícias falsas, e seus apoiadores religiosos divulgarem este projeto de poder com narrativas bélicas de livros sagrados, apresentadas como críticas às consequências da globalização e do desrespeito às “tradições” e aos “fundamentos da Fé”. Talvez um integrismo teclado com F5.

Os processos de desagregação social e ecológica, e o avanço da extrema direita na política são anteriores à pandemia; igualmente o avanço do fundamentalismo religioso. Os governos que se promovem e estabelecem defendendo estar sustentados pela autoridade divina soberana da cultura crescem em quantidade, numa espécie de teocracia pela vontade das urnas – ou *fake* de urnas, ou sem urna nenhuma - e agora vivemos talvez os mais sérios episódios de guerras justificadas por religião dos últimos anos.

Existe a constatação geral de que estar vivendo num mundo globalizado não foi acompanhada daquela de estar usufruindo de solidariedades globais; mostrou-se que indivíduos, famílias e sociedades não são mais importantes - talvez nem mesmo necessários - à prosperidade deste novo mundo.

Aumentou o número de casos de transtornos de ansiedade, depressivos, alimentares e aqueles por uso de substâncias, e como já se previa, não há serviço suficiente de atendimento psicológico ou psiquiátrico estruturado. Ademais, este impacto foi desproporcional em grupos vulneráveis, afetando mais intensamente a saúde mental dos profissionais de saúde, mulheres, jovens e pessoas com condições de saúde desfavoráveis ou pré-existentes.

Esta desproporção entre demanda e oferta, entre a quantidade dos que sofrem e dos que podem ajudar no serviço de saúde formal abriu oportunidade para que terapias alternativas e religiões se aproximassem com soluções ou paliativos – algumas prometendo substituir, mesmo, remédios ou terapias tradicionais.

Saúde mental tornou-se problema de saúde pública, com dimensões mundiais, após a pandemia de Covid-19. Antes dela a prevalência de transtornos mentais já era grande e preocupante, mas negligência e estigma eram comuns para tais pessoas; os quase dois anos de isolamento compulsório expandiram este sofrimento para muito mais pessoas. Uma população aumentada de enfermos mentais deveria ser considerada à parte do aumento de seguidores do ideário político da extrema direita, conjugando nesta comparação o grau de centralidade da religião para estas pessoas? Até que ponto esta correlação seria espúria? Por que não seria relevante no Brasil, especialmente? A reflexão sobre a dimensão religiosa no delineamento de pesquisas acadêmicas deveria ser pontual, restrita, no atual momento? Como estabelecer de maneira eficaz parâmetros comparativos e diferenciadores entre conceitos de saúde mental com aqueles de religiosidade/espiritualidade numa pesquisa?

Cabe a nós cientistas das religiões oferecermos reflexões, pesquisas que ajudem tanto a Academia quanto a sociedade a ponderar sobre as melhores decisões para nosso futuro conjunto – que nos aguarda, unidos ou não – diante desta sincronia de extremismos, onde o recurso à religião/espiritualidade como fonte de sentido e energia sócio-bio-psíquica será bem difícil não considerar como variável influenciadora... ou meandrosa.

## **Referências**

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.  
MAFFESOLI, Michel. *Le temps des tribus*. Le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes. Paris: La Table Ronde, 1988.